

Representações simbólicas do indizível na literatura infantil e juvenil: brincadeira, arte e construção da identidade¹

CLAUDIA MENDES²

*Nós somos medo e desejo,
somos feitos de silêncio e som
Tem certas coisas que eu não sei dizer...*
Certas Coisas.
Composição: Lulu Santos e Nelson Motta

Em quatro obras de literatura infantil e juvenil, encontramos material para pensar a respeito da construção da identidade na infância, examinando os recursos criativos que as crianças mobilizam para lidar com situações adversas, apropriando-se de elementos do mundo adulto, reinventando-os à sua maneira e construindo sentidos para suas vidas. Nas quatro obras analisadas – *Sapato de salto*, de Lygia Bojunga; *Era mais uma vez outra vez*, de Gláucia Lewicki; *Zubair e os labirintos*, de Roger Mello; e *Vó Nana*, de Margareth Wild – encontramos representações literárias de múltiplos aspectos deste processo, revelando como situações problemáticas – morte, guerra, exclusão social, abandono, abuso sexual – podem ser transmutadas por meio da arte e da brincadeira em desafios motivadores do crescimento emocional. Temas espinhosos que, não podendo ser expressos cruamente em linguagem verbal, ao serem representados simbolicamente na literatura, oferecem ao leitor a possibilidade de viver experiências transformadoras.

LITERATURA, DESAFIOS E IDENTIDADE: CONSTRUINDO SENTIDOS POR MEIO DA ARTE

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. [...] Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida às crianças de maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação. (Bettelheim, 2004, pp. 11-12)

A construção da identidade nos tempos em que vivemos é tarefa das mais complexas. Tratando de questões sobre identidade na pós-modernidade, Stuart Hall (2004) relaciona, em linhas muito gerais, três concepções de identidade, correspondendo aproximadamente à sequência da evolução histórica do pensamento moderno: 1) o sujeito do Iluminismo é basicamente centrado e integrado, numa concepção bastante individualista e racionalista de identidade pessoal; 2) o sujeito sociológico, além do seu próprio núcleo interior, tem sua identidade “formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (p.11); e 3) finalmente, o sujeito pós-moderno tem de lidar com valores sociais e culturais fragmentados e variáveis: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (p. 12)

No processo de construção de sua identidade, a criança precisa conciliar e integrar tais valores, fragmentados e instáveis, e lida com eles à sua maneira, elaborando-os ludicamente – representa papéis de adultos reproduzindo suas atividades e tarefas; troca de figurino; apropria-se de objetos, ressignificando-os como brinquedos; brinca com a linguagem em jogos de adivinhação e (des)construções humorísticas; e tantos mais: está brincando de ser o outro.

A leitura que pensadores psicanalíticos, como Jacques Lacan, fazem de Freud é que a imagem do eu como inteiro e unificado é algo que a criança aprende apenas gradualmente, parcialmente, e com grande dificuldade. Ela não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo

do ser da criança, mas é formada em relação com os outros. [...] A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. (Hall, 2004, p.37)

A representação na literatura infantil de tais processos revela-se fonte importantíssima na construção de identidades saudáveis, como bem observa Ana Maria Machado ao falar sobre saúde e leitura: “um texto criativo, como um devaneio, é a continuação e a substituição daquilo que na infância era uma brincadeira, fundamental para o equilíbrio da mente humana” (2004, p. 22). Na literatura, assim como na brincadeira, podemos lidar com experiências assustadoras, liberando tensões emocionais e exercitando o pensamento criativo que nos mostrará possíveis saídas para situações críticas da vida, onde brotam as emoções mais viscerais: medo, morte, opressão, destruição podem ser transmutados em seus simétricos: amor, vida, liberdade, criação. A sombra, ainda que não literalmente nomeada, pode ser trazida à luz e integrada à personalidade.

Vamos examinar quatro obras em que, do confronto dessas polaridades, nasce o equilíbrio, possível por meio do crescimento emocional conquistado pelos personagens que, ao enfrentar ameaças diversas, mobilizam suas forças criadoras que ultrapassam a dualidade e promovem a integração. O repertório é variado: da singeleza de *Vó Nana* à crueza de *Sapato de salto*, passando pelos jogos metalinguísticos relativamente explícitos de *Era mais uma vez outra vez* e por aqueles altamente elaborados de *Zubair e os labirintos*.

Em toda arte é a face do humano que buscamos, e talvez esteja na literatura, pela particularidade de se realizar por meio daquilo que mais humanos nos faz – a linguagem simbólica – a face do humano vista de forma mais completa. (Lacerda, 2007, p. 3)

A linguagem simbólica, além de expressar ricos conteúdos associados a palavras e imagens, tem a capacidade terapêutica de integrar aspectos separados, por vezes até mesmo conflitantes, mobilizando energias internas que possibilitam vivências autênticas e transformadoras, enchendo a vida de significado:

O símbolo evoca e une, comporta duas ideias de separação e de reunião; evoca uma comunidade que foi dividida e que se pode reagrupar. O sentido do símbolo

revela-se naquilo que é simultaneamente rompimento e união de suas partes. Unificador, o símbolo exerce, conseqüentemente, uma função pedagógica e mesmo terapêutica.

Verifica-se, portanto, que o símbolo se inscreve no movimento evolutivo completo do homem, e não apenas enriquece seus conhecimentos e sensibiliza seu senso estético. É como se exercesse uma função de transformador de energia psíquica. O símbolo não apenas exprime as profundezas do ego, às quais dá forma e figura, mas também estimula, com a carga afetiva de suas imagens, o desenvolvimento dos processos psíquicos. (Chevalier & Gheerbrant, 2007, passim p. XXI-XXXI; grifos dos autores)

VÓ NANA: IMAGENS DA MÚSICA SILENCIOSA DA NATUREZA

Na produção literária destinada a crianças, temos a poderosa união das forças expressivas verbais e visuais, com enriquecimento mútuo, oferecendo ao leitor mensagens que, ainda que não inteiramente decodificadas por meios cognitivos em processo de amadurecimento, carregam forte carga simbólica e podem despertar uma emoção estética de grande poder mobilizador. É este o caso de *Vó Nana*, livro de texto pequeno e intenso, com ilustrações igualmente intensas, em que autora e ilustrador – Margareth Wild e Ron Brooks – têm seus nomes dispostos em equivalência hierárquica na capa e folha de rosto, numa indicação clara de autoria compartilhada.

À primeira vista, identificamos sua destinação a crianças pequenas por algumas indicações características: formato grande, poucas páginas, texto pequeno composto em corpo grande, ilustrações abundantes e atrativas. No entanto, a intensidade do tema proposto e o modo honesto e poético de abordá-lo não limitam em nada a apreciação da leitura por outras faixas etárias.

Vó Nana guia Neta pelos caminhos da vida, mostrando-lhe um mapa com pontos iluminados, como faróis lançando luz onde haveria escuridão; enchendo de significado o labirinto da vida que de outro modo ficaria escuro e vazio com sua iminente partida: sabemos que se trata de um conto sobre morte, sem que essa palavra seja mencionada sequer uma vez ao longo do texto. Reconhecemos sua presença aos poucos, por meio da construção progressiva da despedida da avó:

– Tenho muito o que fazer hoje – ela disse. – Tenho de estar preparada.

– Preparada para quê? – perguntou Neta.
Vó Nana não respondeu. Nem precisava. Neta já sabia a resposta e isso fez com que ela sentisse uma enorme vontade de chorar. (p. 13)

A afetividade entre ambas se expressa no companheirismo com que realizam tarefas rotineiras do cotidiano, em situações que evidenciam a importância dos pequenos rituais na construção do sentido de identidade, pertencimento e lugar no mundo; e na organização temporal, com ciclos repetidos de início e fim. As ilustrações de Ron Brooks expressam muito apropriadamente este clima, imprimindo suavidade e lirismo a cenas prosaicas do dia a dia.

Observamos na desconstrução dos rituais cotidianos a perda de sentido face a um acontecimento superveniente: migalhas nos lençóis não importam mais (p. 10), e, mais importante ainda, a conclusão de um ciclo é representada nas rotinas que não se renovam: livros são devolvidos à biblioteca mas nenhum outro é retirado; a conta no banco é encerrada; dívidas com contas e fornecedores são saldadas... (p.14)

Em seu processo de amadurecimento, Neta inverte os papéis e assume o lugar de cuidadora ao se defrontar com a perda iminente da avó. Até então, as duas compartilhavam tudo, inclusive as tarefas domésticas, mas Vó Nana era a responsável pelo bem-estar de Neta: “Milho e aveia fazem bem à saúde. Enquanto eu for viva, minha querida, você vai comer tudo”, diz Vó Nana à neta que reclama por ter que comer alimentos que detesta (p. 8). Depois de seu adoecimento, é Neta quem cuida da alimentação da avó quando ela perde o apetite: “– Isso não é suficiente nem para alimentar uma andorinha, quanto mais uma porca adulta como você – ralhou Neta, fazendo uma cara de zangada.” (p. 11)

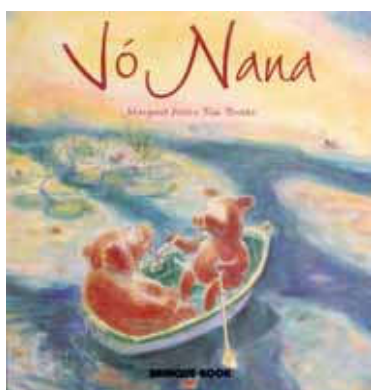
Mas esse é apenas o início do processo; ela deve completar seu crescimento sendo capaz de integrar em si o olhar do outro: ser capaz de ver a beleza do mundo e da vida conforme lhe mostra a avó, que lhe

dá assim a chave para percorrer o labirinto por sua própria conta. Os significados emocionais ficam de tal forma impregnados em seu olhar que se tornam parte dela mesma.

Além das marcas no texto, fortes imagens simbólicas presentes nas ilustrações constroem uma narrativa visual paralela, intensamente poética, que sublinha a transição entre fases da vida. Já na capa vemos a principal delas, o barco, ou barca, que “é o símbolo da viagem, de uma travessia realizada seja pelos vivos, seja pelos mortos” e ainda: “A vida presente também é uma navegação perigosa. Desse ponto de vista, a imagem da barca é um símbolo de **segurança**. Favorece a travessia da existência, como das existências.” (Chevalier, 2007, p.121). Água, lago, chuva são outros elementos de natureza semelhante, ligados simbolicamente à fertilidade e à vida, que permeiam a narrativa visual.

Na página que inicia a história, as personagens são representadas em meio a um cenário impressionista que enche a página com cores vivas em pinceladas vigorosas: a linguagem das ilustrações lembra uma mistura da atmosfera contemplativa das paisagens impressionistas à beira dos lagos, com aquela carregada de emoções intensas e angustiadas da fase dos ciprestes de Van Gogh, traduzindo nessa improvável combinação a dualidade de emoções em que Neta se debate.

O livro transcorre em tons pastéis, para explodir em luzes e cores intensas quando Vó Nana anuncia seu desejo de se faltar de vida, trocando o alimento do corpo pelo da alma (p. 16). As cores permanecem intensas, ocupando toda a página, enquanto dura o passeio das duas admirando as belezas do mundo. Em outras cenas, ao contrário, as ilustrações são pequenas e deixam um vazio na página, acompanhando o ritmo da narrativa verbal e sublinhando os silêncios: vazios de acontecimentos externos, onde a ação se desenvolve internamente, no silêncio das emoções indizíveis (p. 11, 15 e 27).





Na vegetação abundante e onipresente, vemos os ciclos de nascimento e fencimento acompanhando as estações da natureza, principalmente na sugestão do outono – estação que é a despedida do verão e que antecede o inverno – feita por meio da palheta de cores amareladas, folhas caídas... Mas amarela é também a cor do sol, que traz vida e calor banhando a natureza com seus raios dourados. Outros importantes símbolos ligados ao fogo da vida e à união social e familiar são a chaminé e a lareira (p. 29 e 30): no quarto da avó, há uma lareira acesa e lenha estocada ao lado – a chama não se apagará.

As três cenas finais poderiam prescindir do pequeno texto que as acompanha, tal a intensidade da narrativa visual: a primeira é uma cena emocionante, com Neta tocando violoncelo sob a luz do luar que entra pelas janelas abertas, enquanto Vó Nana a escuta sorridente, acomodada tranquilamente em sua cama, aquecida pela lareira acesa. Não é preciso dizer nada: eis a despedida silenciosa.

O recurso à música [...] é um dos meios de se associar à plenitude da vida cósmica. Em todas as civilizações, os atos mais intensos da vida social ou pessoal são decompostos em manifestações, nas quais a música desempenha um papel mediador para alargar as comunicações até os limites do divino. (Chevalier & Gheerbrant, 2007, p.627)

A ilustração seguinte é ainda mais forte, plena de imagens simbólicas (assinaladas com *): uma tomada aérea onde em primeiro plano vemos, sobreposto a um grande cipreste* que divide a cena ao meio, um pássaro* branco alçando vôo para a direita, tendo ao fundo uma paisagem onde aparece à esquerda a casa com sua grande chaminé*, com a lua cheia* brilhando no céu escuro, e à direita as cores douradas do crepúsculo*, e um barco* solitário partindo do cais na mesma direção do pássaro. Na cena final, já sem texto, Neta está só à beira do lago, abraçada a um pato branco, com os olhos voltados para o horizonte onde voam alegremente dois periquitos coloridos.

ERA UMA VEZ OUTRA VEZ: JOGANDO COM O AVESSO DAS APARÊNCIAS E DAS PALAVRAS

O livro de Gláucia Lewicki, ganhador do prêmio Barco a Vapor 2006 das Edições SM, vira pelo avesso as convenções narrativas e sociais por meio de uma linguagem altamente atraente para o público infantil: trata-se de uma paródia ao gênero tradicional dos contos de fadas, sendo o humor elemento fundamental para desestruturar os estreitos limites de papéis estratificados. Após anos de espera na estante de uma biblioteca, sem que o livro onde habitam seja emprestado, os personagens abandonam as convenções e buscam uma vida autêntica, de acordo com seus surpreendentes desejos.

A desconstrução das convenções narrativas evidencia-se de imediato pela posição confessional assumida pelo narrador, transformado ele também em personagem, que interage ativamente com os demais, como um administrador responsável pelo adequado desenrolar da história. A narrativa desenvolve-se em uma sequência de problemas encadeados, onde o leitor, acompanhando o percurso feito pelo narrador ao buscar recompor a história fragmentada, vai se deparando com o avesso das aparências: o rei prefere vender o reino e se mudar para uma praia; o dragão, que comprou o castelo, embora aparentemente repugnante, exerce um sedutor fascínio sobre a princesa; esta, por sua vez, longe de ser uma heroína passiva e fútil, valoriza algo além da boa aparência e posição social em um homem, e exerce sua preferência escolhendo livremente seu parceiro; o príncipe tem a bela aparência de um autêntico herói, mas sua inexpressiva vida interior faz com que seja preterido pela princesa.

O leitor percebe que, além das convenções do que é socialmente valorizado, existe uma infinidade de possibilidades, e a surpreendente constatação de que “de perto ninguém é normal”: justamente a figura mais renegada da trama – o dragão – é o elemento central que desencadeia mudanças enriquecedoras na vida dos que com ele convivem. Seus inusitados predicados fazem dele um parceiro altamente atraente para a princesa, inconformada com a escolha pré-aprovada de um príncipe bem-apegoado, porém fútil, interessado apenas em si próprio. No fim, a revelação de um tesouro escondido: a verdadeira identidade nobre do dragão é conhecida por meio de um jogo de adivinhação que pede a participação da leitora, tornada também ela parte da história, representando o papel ativo do leitor na construção de sentidos da narrativa – um modo de apresentar ao leitor infantil um tipo de experiência que se intensificará ao longo do tempo e da prática leitora.

SAPATO DE SALTO: A DANÇA ESPALHA SEU ENCANTO SOBRE A DURA REALIDADE. NA ESPONTANEIDADE DO MOVIMENTO, A ALEGRIA DO CORPO LIVRE

Uma menina ainda pequena, aos 9 anos Sabrina poderia habitar um mundo de histórias suaves, de acordo com o que os adultos consideram adequado à sua idade... No entanto, Sabrina convive com o abandono em um orfanato, o abuso sexual, a loucura, o assassinato, a prostituição. Em *Sapato de salto*, Lygia Bojunga não poupa a menina de cenas fortes e chocantes; provoca nossa revolta ao negar-lhe, no meio da história, um final feliz com a amada tia que a resgata da casa onde levava uma vida de servidão e abuso. Faz dela uma testemunha impotente do assassinato da tia; deixa-lhe a responsabilidade de cuidar da avó louca, a família que lhe resta; lança-a no mundo da prostituição como único meio de sobrevivência possível.

Nem mesmo a brincadeira infantil de vestir as roupas do adulto e reproduzir seu papel na fantasia está a seu alcance. Sabrina calça os sapatos da tia, figurino de prostituta, para, como ela, vender seu corpo em troca de dinheiro, e garantir comida para si e sua avó... Já no início da história outro sapato esteve presente como testemunha do abuso sexual que a menina sofria: um frívolo chinelo de pompom, entrevisto pela fresta da porta, identificava sua dona – a dona da casa, que preferiu esconder-se da dura verdade a perder sua falsa inocência, confrontando-se com a sujeira escondida em sua própria família. Cinderela às avessas, o sapatinho encantado transporta a menina para um mundo sórdido onde não deveria estar.

O sapato de Cinderela, na sua primeira versão, que remonta a Elieno, orador e narrador romano do século III, confirma essa identificação do sapato com a pessoa.

Grande foi a surpresa quando Cinderela tirou do bolso o sinal de reconhecimento, a prova irrefutável, o outro sapatinho, que colocou no pé: a prova da identidade da sua pessoa. [...] Alguns intérpretes fizeram deste símbolo de identificação um símbolo sexual. [...] Aqueles que consideram o pé como um símbolo fálico verão facilmente no sapato um símbolo vaginal e, entre os dois, um problema de adaptação que pode gerar angústia. (Chevalier & Gheerbrant, 2007, p.802)

Em sua pouca idade, Sabrina está prestes a assumir uma identidade marginal, sem chance de escolha: “[sou] puta, ué”, diz com simplicidade infantil a Paloma, mãe de seu amigo e parceiro de dança Andrea

Doria. Mas antes que assuma tal identidade irremediavelmente, a voz da outra vem em seu auxílio, voz feminina desafiando a imposição de papéis sociais:

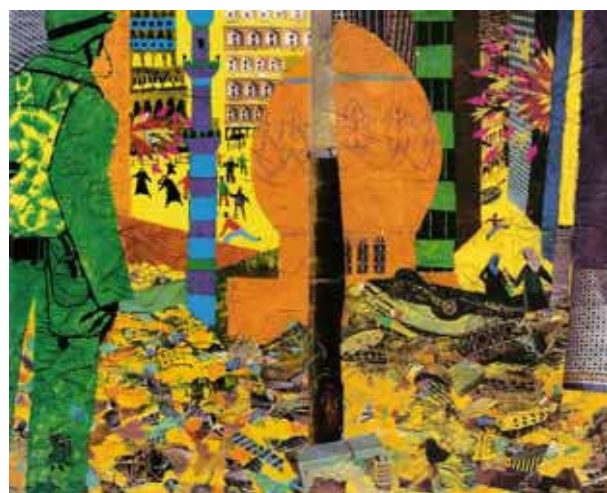
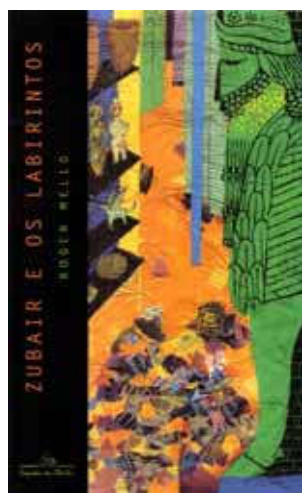
– Você já perguntou a você mesma se... se você... “já ser puta”, feito você diz, caso sua tia não tivesse morrido? quer dizer, caso a Inês continuasse tomando conta da família?
– Não! não! é ruim! Eu sou pequena aqui também. [...] Eu gostava de estudar. (p.219)

No entanto, longe de ser um livro-denúncia feroz e áspero, em *Sapato de salto* todas essas situações fortes são narradas por Lygia com tal fluidez e domínio de linguagem, que a humanidade das personagens prevalece sobre todos os dramas. Os sentimentos estão vivos, pulsantes, e envolvem o leitor intensamente. Assim se mostra a possibilidade de salvação de Sabrina: na dança, a alegria do corpo livre conduzido pela música; na dança, a possibilidade de um encontro prazeroso e espontâneo. Encontro que espalha seus benéficos efeitos sobre outros dramas paralelos ao de Sabrina: a identidade sexual indefinida e imatura do adolescente Andrea que provoca a fúria do pai; a sutileza da identidade feminina e maternal de Paloma em confronto com a brutalidade do marido – o encanto da dança renova a vitalidade de suas naturezas essenciais, reforça a possibilidade de assumirem suas identidades de maneira autônoma, e desencadeia mudanças definitivas no destino dos personagens.

ZUBAIR E OS LABIRINTOS: EM MEIO AO CAOS, UM PEQUENO TESOURO PARA RECRIAR O MUNDO

Todas as identidades estão localizadas no espaço e tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes”. (Hall, 2004, p.72)

Repositório do legado artístico e cultural de povos milenares, o Museu de Bagdá é alvejado pelos bombardeios aéreos que atingem a cidade durante a guerra do Iraque, em 2003: a criação de gerações sem conta é pulverizada em instantes pela barbárie da guerra, ficando exposta a saques e pilhagens. Em meio



ao caos, o menino Zubair resgata um pequeno tesouro entre os escombros: “Isso lá é cidade que se apresenta? As paredes estão vazias de cobertores e de roupas, as paredes estão vazias de paredes. Coisas que Zubair nem percebe, porque o tapete que ele carrega é mais importante que tudo.” A arte sendo imprescindível para a vida – “O ser humano não precisa de arte para viver, e não vive sem a arte” (Lacerda, 2000, p. 33) –, ele se arrisca em fuga pelos labirintos do mercado até estar a salvo para mergulhar em outros labirintos, os descortinados pelo livro que tem em mãos. Diante de seus olhos, desfilam enigmas do passado, orgulhosos poderes decaídos, sabedorias milenares esquecidas, conflitos sem solução...

Autor e ilustrador premiado, Roger Mello faz de *Zubair e os labirintos* um biscoito fino, que poderia vir acompanhado de um manual de instruções, tal a carga de informações e simbolismo que carrega. O próprio manuseio do objeto livro é uma aula de história, passando do rolo ao códice, e a sequência do desenrolar da capa faz o leitor repetir os movimentos do menino Zubair ao desembulhar o tapete que envolve o tesouro precioso: um livro sobre “Os treze labirintos”. Tesouro misterioso, desconcertante. Assim também se sente o leitor ao se deparar com o conteúdo do livro: um texto fragmentado, com ilustrações surpreendentes, ao mesmo tempo estranhas e convidativas.

O livro é sobretudo, se passamos a um grau mais elevado, o símbolo do universo. [...] Se o universo é um livro, é que o livro é a Revelação, e portanto, por extensão, a manifestação. Fechado, o livro conserva seu segredo. Aberto, o conteúdo é tomado por quem o investiga. O coração é assim comparado a um livro: aberto, oferece seus pensamentos e seus sentimentos; fechado, ele os esconde. (Chevalier & Gheerbrant, 2007, p. 553)

Podemos adivinhar na história o coração de Zubair fechado, aos pulos, ao avistar entre os destroços do museu saqueado um pequeno tesouro: “Acho que foi debaixo dos restos daquele mostruário que ele viu o tapete dobrado, não sei. Daí pra frente, não quis mais se separar da relíquia.” O mundo de Zubair é composto por identidades fragmentadas, camadas sobrepostas, labirintos e encaixes imperfeitos. Ele recolhe ao seu redor objetos reinventados como brinquedos: “No bolso, pequenos tesouros de menino: um caroço, um giz, uma moeda, um barbante azul e mais o quê? O ouvido.” O ouvido também vai no bolso: a imagem de seu próprio labirinto, que ele resguarda como um tesouro para filtrar do mundo aquilo que não quer que o alcance...

Podemos adivinhar seu coração fechado, aos pulos, durante a corrida desenfreada em meio aos escombros da cidade bombardeada, fugindo sem motivo: “É que um menino correndo sem motivo chama logo a atenção. Correr é mais fácil que explicar. Agora tinha que despistar dois sujeitos armados...”. Um menino, um soldado e um miliciano mutuamente desconfiados – idade, uniforme e língua caracterizando três identidades em conflito.

Podemos adivinhar seu coração fechado, aos pulos, ao desenrolar o tapete e percorrer os labirintos descritos nas páginas do livro misterioso: “Lá no alto, um míssil terra-terra interceptava alguma coisa voadora. Aqui dentro, o tapete no colo. Desembulhado uma, duas, três vezes, o tecido espesso abraçava um livro em que se lia: *Os treze labirintos*.” Como achar sua identidade em meio a um mundo fragmentado, onde relíquias de civilizações milenares se misturam a destroços, tesouros e ruínas, civilização e barbárie, amálgama cultural e intolerância religiosa, devoção espiritual e ambição dominadora? Em meio aos labirintos reais do mercado, Zubair se retira para se perder

livremente nos meandros dos labirintos imaginados, e lá buscar a orientação impossível de achar ao seu redor: “Da primeira vez, ainda pequeno, Zubair se perdeu do pai, distraído com a confusão de tendas [...] Até que uma mão conhecida o salvou. Daí pra frente, sempre que se perdia era por vontade própria.”

Zubair chega muito próximo da solução do seu enigma: mergulha solitário em seu labirinto, e das profundezas refaz seu caminho de volta ao mundo, retracando o percurso com outro tesouro/brinquedo – o barbante azul em seu bolso. Porém a volta lhe apresenta uma peça que não se encaixa... seria um vulto armado? Os achados de Zubair se desvanecem, é mais fácil correr do que explicar, pernas pra que te quero...

Podemos adivinhar seu coração fechado, aos pulos, procurando em vão o décimo terceiro e último labirinto: “Zubair fura sombras enquanto corre: – Onde foi que perdi um labirinto? Onde foi que deixei a saída?” Ficamos nós com a interrogação pairando no ar: quando terá Zubair o tempo da respiração profunda, sem sobressaltos, sopro de vida necessário para abrir seu coração como um livro, revelando seus segredos em pensamentos e sentimentos manifestos?

NA BRINCADEIRA, O POSSÍVEL ANTÍDOTO PARA OS MALES DA VIDA

Palavras que não podem ser proferidas abertamente. Perguntas que não podem ser respondidas com a crua verdade, mas que podem ser refletidas no espelho – como a imagem de Medusa: mortal para quem a olha de frente; quando olhada através do espelho tem na própria imagem refletida o antídoto contra seu veneno. Assim também com os temas indizíveis para a infância abordados nos livros analisados: o deslocamento do olhar traz outras perspectivas que descortinam a esperança, sem no entanto falsear sua natureza original e incômoda – conceito imprescindível na literatura infantil e juvenil, segundo Laura Sandroni, conforme relatado por Nilma Lacerda (2007):

De Laura guardo até hoje a afirmação de que não pode haver desesperança na literatura destinada a crianças e jovens; reconhecida a necessidade de representar os sofrimentos, as angústias e situações-limite, é preciso acenar com a construção positiva ao conflito das personagens (p. 9)

Pois é em contato com a realidade em suas manifestações menos confortáveis que se encerra a semente

do crescimento, no processo de construção de uma identidade saudável: um pouco de veneno se faz benéfico, contanto que bem dosado; ou como no aforismo de Nietzsche, “aquilo que não me mata, só me fortalece”.

Os livros examinados, elaborados com linguagem verbal e visual de variados graus de sofisticação, atingem leitores de igualmente variados graus de maturidade emocional e cognitiva. Em comum, o fato de tratarem de temas espinhosos para qualquer leitor, que requerem uma abordagem particularmente delicada em se tratando de jovens leitores: morte; violência e exploração sexual; aparências, estereótipos e exclusão social; guerra e destruição. Para cada um destes males, um possível antídoto apresentado por meio da apropriação que a criança faz dos elementos do mundo adulto, transmutando-os por meio de suas forças criadoras: uma brincadeira muito séria em favor da vida. 🌱

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOJUNGA, Lygia. *Sapato de salto*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de símbolos*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LACERDA, Nilma Gonçalves. Para atravessar o território desconhecido, a caminho do amanhã. In: *Debate: Temas polêmicos na literatura*. Programa Salto para o Futuro, TVE Brasil. Boletim nº 11, Programa 5, junho de 2007. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/>
- _____. *Cartas do São Francisco*. Conversas com Rilke à beira do Rio. Ilustrações de Demóstenes Vargas. Brasília: Caminho das Águas, 2000.
- LEWICKI, Gláucia. *Era mais uma vez outra vez*. Ilustrações de Gonzalo Cárcamo. São Paulo: Edições SM, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. Palavras para Saúde. In: *Anais do I Seminário Nacional Saúde e Leitura: Qualidade de Vida para a Criança e o Jovem*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- MELLO, Roger. *Zubair e os labirintos*. Ilustrações do autor. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas, 2007.
- WILD, Margareth. *Vó Nana*. Ilustrações de Ron Brooks. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque Book, 2006.

1 Artigo escrito originalmente para a disciplina Literatura Infantil e Juvenil em Língua Portuguesa, da Profª Nilma Lacerda, na Pós-graduação *Lato Sensu* em Literatura Infantojuvenil da UFF.

2 Designer gráfica, doutoranda e Mestre em Artes Visuais pela UFRJ e Especialista em Literatura Infantojuvenil pela UFF.